
Coleção de Revistas Nº 1: Utopias e Memórias em Primeiras Edições¹

Flavia de Vasconcellos Protta SADO²
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo estudar a disseminação de utopias e memórias em revistas. Como objeto empírico de nossa análise nos centramos na Coleção Nº 1 composta por 995 fascículos periódicos doados à Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/SP) pelo publicitário José Francisco Queiroz, hoje sob responsabilidade da Cátedra Instituto Cultural ESPM. Como metodologia dispomos da Teoria da Semiótica da Cultura, em especial os trabalhos de Iuri Lotman (1996, 2009) que articulam memória as dinâmicas culturais. Nossos fundamentos teóricos tomam como base os textos dos autores Jacoby (2007), Mattelart (2002), Bauman (2017), Canclini (2003), Martín-Barbero (2009) e Baudrillard (1973).

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Consumo; Memória; Utopia; Revista.

Considerações Iniciais

A Coleção Nº 1, objeto empírico do presente artigo, é o conjunto de 995 exemplares de revistas em sua grande maioria brasileiras, caracterizados todos por serem uma primeira edição. Estes fascículos são datados de 1947, o mais antigo, até 2015. Os títulos são heterogêneos abrangendo revistas masculinas, femininas, adolescentes, de culinária, corte e costura, mecânica, sobre notícias, esportes, agendas culturais, entre outras temáticas e segmentações.

Esse grupo de periódicos foi doado pelo publicitário, hoje aposentado, José Francisco Queiroz ao Instituto Cultural ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing). Criado por José Roberto Whitaker Penteadó em 2002, para servir como local da memória da propaganda, o Instituto passou a recuperar, recolher, conservar e, principalmente, divulgar elementos históricos e culturais que estivessem relacionados com as diversas áreas de conhecimento da faculdade, a qual deixou de ter apenas os cursos de Propaganda e Marketing

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando da Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo de ESPM/SP, e-mail: flaviaprotta@gmail.com.

para contemplar as graduações e especializações em Comunicação, Design, Jornalismo, Tecnologia da Informação, Relações Internacionais e Ciências Sociais e do Consumo.

Todo o acervo composto por livros, revistas, cartazes, anúncios, filmes publicitários, jornais, inclusive a Coleção Nº 1 passaram para responsabilidade da Cátedra Instituto Cultural ESPM quando o mesmo foi descontinuado em 2017. Desta maneira, sob a orientação da prof^a. dr^a. Mônica Rebecca Ferrari Nunes e com o auxílio da equipe de bibliotecários do campus Álvaro Alvim, o trabalho da Cátedra visa a catalogação e o tratamento das informações de todos os materiais para disponibilizá-los ao público.

É neste cenário que dimensionamos as revistas como objetos que promovem o consumo de memórias e utopias pois, foram produzidas no passado almejando seus próximos exemplares. Quando revisitadas no presente auxiliam a relembrar outra época e preencher lacunas em nossa memória coletiva (HALBWACHS, 2004), assim como mostram o que a sociedade, ou pelo menos, os editores e produtores gráficos ambicionavam para o amanhã.

O termo utopia foi cunhado por Thomas More (2010) ao escrever no século XVI um livro com esse mesmo título. A expressão foi originada pela junção de duas palavras gregas “ou” (não) e “topos” (lugar), podendo ser interpretada como um não-lugar, ou um lugar que não é real, aquele que é imaginado (UTOPIA, 2019)³. Mattelart (2002) traça historicamente um panorama deste que foi considerado um gênero literário passando por muitos dos autores utópicos e antiutópicos. O autor faz correlações entre o pensamento e costumes sociais dominantes em cada época com o desenvolvimento tecnológico e os acontecimentos, bem como, as catástrofes de cada período histórico, mostrando como isso influenciou o que os escritores vislumbravam ou almejavam como uma sociedade ideal.

Segundo o trabalho desenvolvido por Russell Jacoby (2007), onde o autor defende que o conceito de utopia ou pensamento utópico foi mal interpretado com o passar dos anos, levando um declínio ou descrença no mesmo, há duas correntes de utopia nomeadas por ele: os utopistas projetistas e os utopistas iconoclastas. O primeiro tipo é caracterizado pela minúcia em suas descrições de como o futuro é idealizado, como a ilha concebida por Thomas More (2010): cidade igualitária, sem posses e moedas de troca, onde todos teriam paz, alegria e suas diferenças seriam respeitadas. More (2010) não apenas prega sobre seus valores, mas escreve como cada cidadão se vestiria e onde morariam. Já o segundo tipo exposto por Jacoby (2007) é o iconoclasta, pensamento utópico cujos escritos, em sua maioria, foram realizados

³ UTOPIA. Priberam Dicionário de língua portuguesa online. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/utopia> acesso em 23 junho 2019.

por autores judeus que imaginavam uma sociedade futura magnífica como aquelas descritas em livros sagrados, mas, devido a suas religiões, se rejeitaram a constitui-la visualmente. Jacoby (2007) faz uso da metáfora de ouvir o futuro para descrevê-las, onde são percebidos ideais parecidos com os dos utopistas projetistas embora não delineiem uma forma para a paisagem ou cenário que essa nova sociedade teria.

Jacoby (2007) escreve sobre as razões pelas quais a utopia, na sua opinião, está em decadência: “o colapso, iniciado em 1989, dos Estados comunistas; a convicção amplamente difundida de que nada distingue utópicos de totalitaristas; e algo mais difícil de pontuar, mas essencial: um empobrecimento crescente no que pode ser chamado de imaginação ocidental” (JACOBY, 2007, p. 30–31). Ao explicar a última razão, o autor revela a ligação entre a infância, criança e o potencial imaginativo que leva a idealizar as utopias. Em seu estudo, ele identifica, embora diga não haver como provar, que as alterações no modo como hoje as crianças brincam e são criadas – o qual deixou de ter momentos em que elas estão mais soltas para inventarem seus próprios jogos, por exemplo, para serem, programadas, supervisionadas, dentro de obras produzidas pela mídia e o mercado – extenuou sua imaginação, por conseguinte como adultos, não creem nas possibilidades ou não desenvolvem pensamentos utópicos.

Já Bauman (2017) concorda com Jacoby (2007), houve uma grande desvalorização das utopias pela nossa sociedade, mas o autor aponta outro motivo como razão para esse episódio. Segundo o filósofo polonês, quando o capitalismo tardio e o sistema neoliberal impuseram a conquista da felicidade e bem-estar sob os ombros individuais de cada homem, ao invés do Estado ou de comunidades buscarem por isso de forma conjunta, novas inseguranças e receios se instauraram nas mentes de cada sujeito. Unido a isso as dificuldades vividas pelos atores sociais hoje e as mazelas pelas quais muitos passamos não apenas fizeram com que desacreditássemos num futuro próspero como também tornou as imagens desses dias porvindouros amedrontadoras (BAUMAN, 2017).

Desta maneira olhar para velhos tempos já conhecidos se tornou algo mais seguro se comparado com as dúvidas instaladas no futuro. Assim, são depositados nele, no passado, uma esperança utópica. Em conformidade com esse pensamento Bauman (2017) mostra o surgimento de retrotopias: ideais depositados em um lugar fixo na tentativa de obter segurança e liberdade, mas que ao contrário da proposta de Thomas More (2010) que projeta algo diferente do presente, perfeito e imutável para o amanhã, a retrotopia vai ao encontro do

familiar, extrai dele aquilo que seria bom e em uma série de tentativas e mudanças tenta torná-lo um possível hoje.

Comunicação, memória e utopia articuladas à cultura

Seja para obter um futuro melhor ou restaurar o passado é dentro das práticas culturais que os tempos se reúnem e as experiências caracterizam um grupo, unindo ou excluindo seus participantes e instaurando uma identidade que acopla diversos atributos que representam nossa sociedade. Canclini (2003) ao explicar o conceito de hibridação e quais movimentos levam a sua formação descreve o desenvolvimento de “quebra e mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros” (CANCLINI, 2003, p. 284). A cultura é composta por diversos materiais, criações, pessoas, linguagens, e por mais que governos e políticas tentem homogeneizar condutas e identidades de seus cidadãos, na própria dinâmica cotidiana inventamos e recriamos formas mistas e heterogêneas de cultura. As coleções são uma forma de distinguir e classificar diferentes modelos de costumes.

Seja no dualismo do rural versus urbano ou do culto versus pagão, na Idade Média, modernidade ou pós modernidade há sempre parte da cultura considerada tradicional que com o tempo permanece na memória coletiva da sociedade e ações que levam a mistura, ou renovação da mesma. Não necessariamente há um embate, mas sim evidências que mostram que as dinâmicas sociais mudaram, como as transformações no modo de produção, com a industrialização ocorre a fabricação sequencial e desvirtua do sujeito artífice.

Como mostra Canclini (2003) a urbanização e a vida nas grandes metrópoles alteram formas de sociabilidade devido ao medo e a violência existentes em tais centros urbanos. Reclusos aos seus condomínios, associações, igrejas, essas instituições passam a gerir as identidades dos grupos sociais. Conjuntamente os meios midiáticos como a televisão, o rádio e os dispositivos com acesso à internet que se tornam difusores de notícias e lazer, também caracterizando uma entidade influenciadora de comportamentos e identificações.

Dois movimentos então tomam conta do espaço das relações sociais. De um lado podemos verificar um fluxo que vai de uma esfera macro para micro, como campanhas de Estados ou políticas que pretendem unificar identidades, e também fluxos que percorrem o caminho oposto, ao dar evidência a forças e padrões de sujeitos específicos ampliam sua penetração e expressividade. Desta maneira, as imagens expostas pela mídia ganham mais

notoriedade e servem de base para constituir individualidade, atuação já executada anteriormente pelo próprio espaço público e sua memória (CANCLINI, 2003). As revistas antigas servem como uma janela para visualizar esses movimentos, nelas encontramos diversas representações de modos de ser de acordo com o padrão dominante de cada ano. A Coleção Nº 1 ao não se preocupar com uma cronologia descaracteriza a linearidade da história e acopla de forma híbrida num mesmo conjunto fragmentos da nossa cultura.

Os veículos comunicacionais, como expõe Canclini (2003), passam a suceder lembranças e construir um passado. Diferente dos documentos impressos ou audiovisuais, os monumentos ainda carregam uma memória coletiva que conversa com a atualidade, por permanecer no espaço físico e acompanhar as mudanças em seu entorno, este é ressignificado, mas os sentidos antecessores ainda estão representados. Eles afirmam o fluir de diferentes culturas, consagrados como tradicionais e legitimados pela própria edificação e o tempo que os deixou ali permanecer.

Se era possível uma ordenação para estabelecer um padrão no convívio social cuja comunicação fosse pautada por bens e linguagens seu consumo seria dividido entre objetos para usufruto, recordação e expressão. Contudo, no cotidiano das grandes cidades “os interesses mercantis cruzam-se com os históricos, estéticos e comunicacionais” (CANCLINI, 2003, p. 301). É neste emaranhado que diferentes poderes agem no espaço urbano, se transpõem e ganham representatividade. Seja na tradição dos monumentos, na linguagem impura dos grafites, ou até na sobreposição de ambos que as metrópoles, simultaneamente seu passado e projeções futuras, são retratadas.

As coleções assim como a urbe harmoniza o erudito com o popular na tentativa de impor uma ordem ou classificação na cultura. Os fragmentos e os modos de reprodução das novas tecnologias permitem que façamos um novo arranje da história. Na narrativa estabelecida pela coleção os recortes não precisam responder a realidade e nem ter um prosseguimento. Esse detrimento de significado da própria esfera de produção cultural resulta também numa perda de memória.

Para Martín-Barbero (2009) o popular é uma peça formante da memória de qualquer processo histórico pois, ele promove a dialética de resistência e intercâmbio, permanência e mudança, entre o que é tradicional/erudito para aquilo que é novo/folclórico. Nesse jogo de enfrentamentos a cultura dominante responde de três formas: “destruição dos templos, dos objetos, [...] abolição de práticas, ritos, costumes e devoções; e desnaturalização ou deformação das mitologias e das temáticas folclóricas que, res-semantizadas, são recuperadas

pela cultura clerical” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.100). Essas ações também influenciam sobre o que é mantido como cultura material de um período e sociedade assim como sua memória.

Retornando aos anos da Idade Média, período identificado por Martín-Barbero (2009) como ponto de princípio de tais movimentos, a visão de mundo de uma época é explicada pelas suas recordações e a circulação de bens que dispunham desse mesmo olhar. A imprensa ao possibilitar a distribuição de livros e folhetos proporciona uma maneira para que os confrontos com as tradições orais se manifestem e sejam divulgados.

Segundo Silverstone (2002) ao levantar uma série de motivos para justificar a importância de se estudar as mídias, o autor evidencia a articulação entre história, memória e os meios de comunicação social. Assim a mídia pode ser reconhecida por gerar uma falsa memória, afinal seus produtores são atravessados por seus juízos de valores, que nas suas palavras “somos o que lembramos, como nações ou indivíduos, e a memória é o lugar agora de lutas por identidade e posse do passado” (SILVERSTONE, 2002, p. 231).

Ele diferencia a memória oral desta agora mediada pelas diversas espécies de veículos. A primeira tinha a tradição de ser passada de uma geração para a outra tecendo uma história, na qual uma crença entre seus atores era firmada e servia como referência para suas atividades, escolhas e ações. Já a memória mediada cria uma narrativa fragmentada, que gera imaginários e representações que podem, ou não, condizer com a realidade. Para o autor “a história desafia a psicanálise na questão da síndrome da falsa memória, e a psicanálise desafia a história como um conto singular e literal” (SILVERSTONE, 2002, p. 323).

Portanto, Silverstone (2002) mostra que estamos ligados a um determinado tempo e espaço pela memória. Os depoimentos orais se contrastam com as versões documentadas pela mídia expondo duas realidades, mas em ambas as lembranças unem o passado das esferas particulares às públicas. Se por ventura não existisse outro modo de obtenção de fontes que explicassem como era antigamente, os meios de comunicação tornam-se apresentadores desse passado (SILVERSTONE, 2002). Então o autor ainda esclarece a relação entre mídia e memória com os dizeres:

Não é uma divisão inequívoca entre a representação histórica do passado e a popular. Elas se fundem, como também rivalizam, no espaço público. E, juntas, definem para nós tanto os textos como os contextos: para a identidade, a comunidade e, na base dessas duas, para a crença e a ação, que talvez sejam os fatores mais importantes. Estudar a relação da mídia com a memória não é negar a autoridade do evento que é o foco da recordação, mas insistir na capacidade da mídia de construir um passado

público e para o público. A textura da memória se entrelaça com a textura da experiência. (SILVERSTONE, 2002, p. 237)

Coleção N° 1 – Memória e Utopia

O termo coleção é definido como um sistema de organização pelo sociólogo e filósofo Baudrillard (1973). Este aparelho requer sempre mais de uma unidade, a qual perde sua finalidade e ganha uma narrativa, deixa de ser algo que faz e transforma-se em algo que fala ou conta. Como o autor explica, os elementos que constituem a coleção deixam sua qualidade de uso, para adquirir um atributo de posse (BAUDRILLARD, 1973). O ato que o colecionador realiza ao possuir um objeto exprime uma obstinação não só pelo artefato, mas pela procura e possibilidade que a coleção dá de sequencialidade. Ao acharmos mais um artigo para nossa coleção a narrativa se expande, parte dos anseios se estabilizam e outros são alvo para dar início a busca da próxima peça.

Estes objetos parecem “responder a um propósito de outra ordem: testemunho, lembrança, nostalgia, evasão” (BAUDRILLARD, 1973, p. 81). A despeito de terem sido produzidos em outra época fazem parte do presente como qualquer outra peça pois, seu contato é estabelecido no agora. Nestes objetos antigos decompomos sua história, queremos saber por quais lugares passou, que tempos presenciou e em especial como e por que existiram. Nas palavras do autor:

A exigência à qual respondem os objetos antigos é aquela de um ser definitivo, completo. O tempo do objeto mitológico é o perfeito: ocorre no presente como se tivesse ocorrido outrora e por isso mesmo acha-se fundado sobre si, “autêntico”. O objeto antigo é sempre, no sentido exato do termo, um “retrato de família”. Existe sob a forma concreta de um objeto, a imemorialização de um ser precedente – processo que equivale na ordem imaginária, a uma elisão do tempo. [...] O objeto funcional é eficaz, o mitológico, perfeito. É o evento completo que ele significa, o nascimento. Não sou aquele que atualmente é, isto seria a angústia, sou aquele que foi, segundo o fio de um nascimento inverso do qual este objeto é para mim o signo e que do presente mergulha no tempo: regressão. O objeto antigo dá-se portanto como mito de origem. (BAUDRILLARD, 1973, p. 83–84)

A Coleção N° 1 notabiliza a busca de legitimidade em alguns sentidos. O primeiro deles, descrito pelo próprio José Francisco Queiroz, doador dos fascículos à ESPM, é de revelar o funcionamento e as peculiaridades de uma revista. Como se uma das únicas formas de contemplar esse veículo midiático dormisse exclusivamente em seu primeiro exemplar. Então, ao unir uma grande diversidade de primeiras edições, estaríamos na presença dos

fundamentos para quaisquer periódicos. Esse propósito não considera que por vezes esses números 1 não tiveram uma continuidade, por conseguinte a peculiaridade da autenticidade não leva à perfeição.

Outro sentido é por se tratar de uma coleção de revistas antigas crer que estamos preservando parte da história da nossa sociedade. De fato estamos preservando um documento que foi construído social e culturalmente por nós em um momento histórico determinado, mas as informações que nele encontramos não retratam necessariamente e nem de modo fiel, como discutimos no item anterior, o que realmente aconteceu anos atrás. As coleções e a própria revista são substratos da nossa memória coletiva, mas tanto a memória quanto os objetos são enviesados por nessas preferências e juízos de valor, pontos que distanciam também da ideia que exista algo realmente original.

Pomian (1994) revela que os objetos de coleção representam mundos visíveis e invisíveis porque ficam entre o universo individual/coletivo, particular/público ou até terreno/sagrado. Quando as coleções são montadas suas peças comumente deixam de pertencer ao circuito econômico e passam a exibir um pequeno momento da produção material, embora com o passar do tempo alguns colecionadores acabem por querer reintroduzi-las a esse circuito ao vendê-las. Coleções como objetos fúnebres, oferendas, presentes de herança, objetos santificados, tesouros reais quando expostos em museus revelam a existência de personagens que poderiam ter passado talvez invisíveis pela história (POMIAN, 1994). Estas ideias aproximam-se dos escritos de Baudrillard (1973) onde é explicado que a coleção culmina na imortalidade de seu colecionador pois, ao dar um novo sentido aos objetos e estes passarem por seu crivo de escolha acabam por representar sua identidade. Assim quando o colecionador morrer ele continuará a existir materializado na coleção.

Essa ocorrência pode ser considerada tanto uma utopia, pois a imortalidade cabe dentro dos ideais de espaço imaginado, não real, quanto parte da dialética da memória ao tentar vencer as barreiras do esquecimento. Lotman (1996, 2009), estudioso e difusor da Teoria da Semiótica da Cultura, também conhecida como Semiótica Russa, deixa de considerar as teorias sobre os signos como um sistema isolado cujo todo é simplificado pelo entendimento de códigos unitários e sua junção. Com uma visão mais abrangente declara que tudo está imerso em um continuum semiótico. A semiosfera seria o espaço que os sistemas simbólicos culturais operam. Esse conjunto que está em perpétuo andamento é circunscrito por fronteiras que repartem cada cultura e suas produções. Essas fronteiras não limitam ou

barram os choques entre os textos culturais, mas servem como mecanismo de tradução e reinterpretção entre eles assim, no momento que colidem, são ressignificados (LOTMAN, 1996).

Logo, os elementos constituintes da semiosfera são os textos culturais (LOTMAN, 1996), os quais difundem e disseminam informações – substrato da memória coletiva – com objetivo de conservar o passado ou servir de base para criações futuras. Assim memória e cultura dispõe do mesmo espaço comum (LOTMAN, 1996). Esse espaço possui um centro que dá visibilidade para alguns textos culturais e uma periferia na qual outros deixam de ser evidenciados e caem no esquecimento. Esses processos são identificados pelo autor como graduais e explosivos, na cultura nada efetivamente é novo, tudo se encontra sob as manobras de permanência e descontinuidade (LOTMAN, 2009).

A Coleção Nº 1 ressalta essas dinâmicas pois, ao consumir suas publicações nos deparamos com às três temporalidades – passado, presente e futuro – e, por consequência, memórias e utopias. Nas lógicas de produção de revistas caracterizadas por sua periodicidade, seguimentação e identidade editorial, a realização de um novo título, além de contar com uma projeção de quais seriam seus possíveis leitores, projeta também diretrizes que irão permanecer com a continuidade de cada número e aposta que seu modelo de comunicação e conteúdo será relevante no futuro, seja na próxima semana, mês ou ano.

Ao realizarmos uma pré análise das publicações que compõe a Coleção Nº 1 separamos as 995 revistas por data de lançamento e grupos temáticos (comportamento, cultura, guia, história, notícia, técnica e tecnologia). Dentre os anos 1947 a 1969 há apenas 7 exemplares, os demais percorrem as décadas de 70, 80, 90, 2000 e 2010, das quais os anos de 1990 é a seção com maior expressividade computando 338 fascículos, sendo que do total 248 exemplares da coleção não possuem data.

Os grupos temáticos foram caracterizados da seguinte forma:

- Comportamento: englobam as ditas revistas femininas, masculinas, adolescentes e demais publicações cujo projeto editorial trabalha no intuito de servirem como conselheiras ou até mesmo manuais de condutas e atuações. Dentre a divisão feita, esse grupo é o segundo maior, representando 25% da coleção.
- Cultura: dentro da Coleção Nº 1 são aquelas publicações que trazem matérias e reportagens sobre arte, esporte, filme, música, gastronomia, literatura, teatro e turismo. Alguns títulos concentram-se em apenas uma dessas vertentes e outros mostram indicações

variadas do que está acontecendo na cidade na época em que foram publicadas. Esse grupo representa 18% do total da coleção.

- Guia: no interior da Coleção Nº 1 são as publicações que se assemelham a parte de classificados de um jornal. Praticamente como uma listagem de indicações, esse periódicos oferecem para o leitor informações objetivas, curtas, como endereços, itens e contatos. Esse tema representa 5% da coleção.

- História: são os exemplares que não possuem matérias ou reportagens, mas sim, contos, romances, aventuras. Dentre elas se encontra a revista ilustrada Grand Hotel a mais antiga da coleção com data de 1947. Aqui também podemos localizar as revistas infantis com atividades, as revistas de fotonovela e as de história em quadrinhos com estilos variados de desenho. Essas publicações representam 8% da coleção.

- Notícia: dentro da Coleção Nº 1 são as publicações que tratam de assuntos variados, ligados a acontecimentos cotidianos e permeiam contextos de política e economia. Elas representam 6% do total de revistas da coleção.

- Técnica: é o assunto com maior representatividade – 33% – dentro da Coleção Nº 1. Essas publicações foram selecionadas por abordarem temas bem específicos que, em sua maioria, requerem conhecimentos para além do senso comum para seu melhor entendimento e utilização. Por ser o maior conjunto, criamos as seguintes sub categorias temáticas: administração pública, agricultura e pecuária, arquitetura, construção e decoração, consumidor, educação, empresas e negócios, energia, engenharia, exportações, faça você mesmo, indústria, indústria de alimentos, jurídico, medicina/farmácia e saúde, produção editorial, mercado imobiliário, mídia/meios e veículos; publicidade/propaganda/anúncio e marketing, segurança, terceiro setor, transporte, varejo, vestuário.

- Tecnologia: estes exemplares mostram o desenvolvimento de aparelhos eletrônicos e das mídias com o passar dos anos. Muitos já se tornaram obsoletos como vídeo texto e VHS, outros foram tão incorporados a nossa rotina como o computador que não há mais necessidade de produzir uma revista sobre isso pois, facilmente esses assuntos são encontrados em *websites* e fóruns pela *Internet*. Esse grupo representa 5% da coleção.

Para exemplificarmos como utopias e memórias se materializam nessas revistas decidimos escolher alguns discursos dispostos nas seções editorial ou carta do editor pois, essa parte dos periódicos, em especial de primeiros exemplares, revela muito sobre a que veio a revista. Assim escolhemos dentro da década de 90, um título referente a cada grupo:

comportamento, cultura, notícia, técnica e tecnologia. Os temas guia e história não foram selecionados porque a maioria de seus exemplares não possui editorial.

A revista de comportamento *Marie Claire* (1991) da editora Globo por ser um título criado originalmente na França e posteriormente exportado para vários países traz na primeira edição brasileira um misto de referências às conquistas passadas e o que se espera alcançar nesta nova empreitada. Além de definir quem será sua leitora e expor os porquês para a revista ser adorada pelo público – dentre as justificativas sua pluralidade de assuntos que baseados em histórias legítimas auxiliam a solucionar dificuldades reais – o texto assinado pela diretora de redação da época Regina Lemos (1991) conta com os dizeres:

Marie Claire é ousada, pioneira, capaz de quebrar tabus como o de que revista feminina não pode tratar de assuntos ditos pesados, e que o espírito da reportagem atuante, polêmica, informativa não combina com matérias de moda, beleza e culinária. Marie Claire rompe com esses padrões dos quais estamos cansados e junta o que as outras separam, assumindo (com êxito) a contradição que existe na vida, entre o belo e o chocante, entre prazer e dor. [...] Para nós é um prazer ter Marie Claire no Brasil e que você sinta o mesmo a partir de agora. (LEMOS, 1991)

Se por vezes as memórias podem ser facilmente conectadas a mídia revista por ser um recorte e representação de um período histórico e sociedade específica, como já descrevemos. Quando tentamos evidenciar as utopias, nós lidamos com camadas menos palpáveis. A utopia conecta-se com uma perspectiva positiva do que se espera do futuro, busca-se transgredir algo com o qual não nos contentamos no presente e sua visualização por mais que não seja real pode ocorrer de duas formas, como já disse Jacoby (2007), seja através da discrição ou da sugestão. No excerto acima destacado do editorial da *Marie Claire* (1991) o ideal de um novo fazer jornalístico que une “assuntos femininos” à “reportagens informativas” é sugerido e ambicionado para os próximos exemplares.

Já no editorial da revista de cultura *Bravo!* (1997) da editora D’Avila é exacerbado outro anseio. A maneira como a cultura é relegada apenas há uma parte da sociedade é questionada e espera-se que ao conseguir fornecer e divulgar cultura à mais pessoas, estes indivíduos se tornarão cidadãos melhores. No texto elaborado por Luiz Felipe D’Avila editor do periódico está escrito:

Bravo! vai aproximar o cidadão da cultura. [...] Na cultura, o indivíduo reflete sobre si mesmo, sobre a sociedade em que vive, e encontra seu papel na civilização. Investir na cultura é apostar no aprimoramento da cidadania, no cultivo do espírito e da alma, no estímulo à imaginação e à criatividade. [...] Bravo quer despertar o interesse dos iniciantes e satisfazer a exigência

dos iniciados. Para que se amplie o público, não é preciso vulgarizar o tratamento dos temas culturais. [...] Não se pode tratar de outra forma o que nos dá a dimensão do sublime, do divino e do universal. (D'AVILA, 1997, p. 5)

Da mesma forma, na revista categorizada como de notícia, *Carta Capital* (1994), o editorial escrito por Mino Carta (1994) explica que o nome da publicação se refere ao endereçamento de uma correspondência entre os sujeitos e o “coração do poder” que regulamenta e controla nossa vida em sociedade. Seu projeto pretende através da interpretação de seus jornalistas, aproximar e esclarecer acontecimentos e posicionamentos da esfera pública ao indivíduo comum.

Esta revista, que chega pela primeira vez as suas mãos, é uma prova de otimismo. [...] A situação ideal fulgura, de todo modo, naqueles momentos em o otimismo não resulta da emoção passageira, ou não se confunde com a plenitude física, propiciada pela boa saúde, e sim brota de convicções construídas à luz da razão. É quando, em suma, otimismo surge apesar, e até por causa, da prática salutar do ceticismo. [...] De fato, ela vai falar de e para aqueles que, nos mais diferentes níveis, decidem os destinos da comunidade. [...] Carta Capital está nascendo para contribuir no aclarar ideias e dirimir dúvidas, com a certeza de que a contemporaneidade do mundo não é meta inatingível. (CARTA, 1994, p. 9)

Em contrapartida às passagens anteriormente destacadas, o editorial da revista técnica *Secretárias & Escritórios* (1990) da Quinta Cor Editores, ao descrever as atividades exercidas de seu público alvo para assim defini-lo, como detalhar de forma superficial quais assuntos poderemos encontrar na publicação, pode passar despercebido o que o fascículo espera para o futuro, se não fosse a discreta menção ao fim do texto:

A *Secretárias & Escritórios* não se limitará a uma publicação exclusivamente profissional. Apostamos também na abordagem de assuntos variados, privilegiando sempre bons textos, calcados num acabamento gráfico moderno, leve, onde o prazer da leitura seja primordial. Política, artes, economia, saúde, beleza, atualidades, humor... [...] As secretárias não podiam mais ser esquecidas. [...] Para quem estava atrás de requinte e faz questão de se manter bem informada, encontrou *Secretárias & Escritórios*. Você vai gostar e seu chefe também. (BIZ, 1990, p. 3)

Essa última frase pode ser interpretada como: a secretária será avaliada de maneira diferente por seu superior se ler a revista. Assim, é possível presumir que o cunho da publicação pretende servir como método de distinção entre os indivíduos de uma mesma classe trabalhadora, esperando proporcionar um ganho de visibilidade para suas leitoras. Embora

isso não dialogue com o entendimento de utopia descrito por More (2010) e Jacoby (2007) não deixa de ser uma aposta para o futuro.

O mesmo acontece com a primeira edição da revista de tecnologia da editora Bookmakers, *Macmania* (1994). Em seu editorial não foi possível identificar ambições futuras que quisessem promover uma ruptura com o sistema vigente atual. Segue fragmento do texto:

MACMANIA é a primeira revista dirigida aos usuários de produtos Apple do Brasil. Produzida totalmente em Macs, por gente que lê, fala, escreve, desenha, come e respira Macintosh. Uma revista feita para agradar e informar o usuário nacional e não mero catálogo de produtos com algumas informações traduzidas para o português no meio. [...] A multimídia, os assistentes pessoais e novos e poderosos microprocessadores estão rapidamente revolucionando o mercado de computadores pessoais. Em breve os sistemas e arquiteturas que conhecemos serão substituídos por outros melhores e mais potentes. Vem aí o Power PC e o System 7 for Windows (argh!) que vão trazer alegria e fraternidade entre Macs e PCs até que a morte (em um ou dois anos, talvez) os separe. Até lá, continuaremos macmaníacos até a medula, informando, apontando falhas e exigindo qualidade dos softwares, hardwares e serviços prestados aos usuários. (MACMANIA, 1994, p.1)

Segundo During (2013) todos esses registros são uma maneira de se conservar uma época, ainda que esteja em disparidade com seu tempo quando acessado em diferentes datas. Eles servem para retomar ideias e transformar o presente, mesmo que o objetivo de sua produção não tivesse sido esse. Pelas revistas expõem um recorte de mundo no qual expressa a cultura e seus valores em determinado tempo histórico social passam a servir de guardados do passado e podem ajudar no entendimento a respeito de épocas que não foram vividas por nós. Assim, o futuro passa a ser caracterizado como uma temporalidade mais duradoura do que o passado e o presente.

Na tentativa de definir o que é retrofuturismo, o autor expõe possíveis movimentos entre os períodos temporais: o primeiro seria o futuro do passado (imagens e concepções de como seria o futuro feito anos atrás) e a segunda seria um passado futurizado (onde é possível imaginar um passado alternativo com a presença ou a falta de elementos disponíveis hoje) (DURING, 2013).

Ao revisitar os primeiros exemplares das revistas da Coleção Nº podemos buscar uma visão de futuro do passado, assim During (2013) esclarece:

nessa perspectiva, que é a da teoria crítica e dos estudos culturais, o futuro é imediatamente indexado aos atos de uma consciência (individual ou

coletiva) que define o futuro segundo o modo do projeto. Quando não é trivialmente o que será – presente em reserva suspenso à condição de sua realização, de sua efetuação –, o futuro é desde o início compreendido como um conjunto de representações, de crenças, de motivos práticos capazes de infletir a evolução histórica de uma sociedade ou, ao contrário, de paralisá-la. Ele é o que projetamos: uma expressão do estado presente de nossas expectativas, de nossos desejos, de nossas capacidades de crer, de esperar, de assumir um destino coletivo, etc. (DURING, 2013, p. 223)

Considerações Finais

Como vimos a Coleção Nº 1 abarca memórias e utopias seja por estar inserida num sistema cultural que vê na coleção partes edificadoras de seu passado e substrato para decisões futuras, ou pelo fato de seus itens serem revistas, que também compõem nossa memória coletiva e edificam sonhos para o amanhã. Em suas dimensões utópicas os itens da coleção, por serem primeiros exemplares de revistas, guardam representações do que se espera para o futuro, muitos até os descrevem como os próximos anos podem ser, aproximando-as do que os utopistas projetistas o fazem. Porém, a união desses conceitos possui meandros que também as distanciam, como, por muitas vezes, as publicações não consideram valores de harmonia, equilíbrio, paz e encantamento que, tradicionalmente, qualquer tipo de utopia, como conta Jacoby (2007), leva em consideração ao ambicionar uma nova sociedade. Por outro lado, há na pesquisa do autor as reflexões: “ideias práticas dependem do sonho utópico – ou, pelo menos, o pensamento utópico leva ao aperfeiçoamento” (JACOBY, 2007, p. 26) e com isso interpretamos que os atos que realizamos no presente são influenciados pelo que sonhamos para o futuro e também nossas experiências passadas.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BAUMAN, Z. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BIZ, B. **Para a secretária, uma revista profissional**. SECRETÁRIAS & ESCRITÓRIOS. São Paulo: Quinta Cor Editores, ano 1, n. 1, abril/maio 1990.

BRAVO!. São Paulo: Editora D’Avila, ano 1, n. 1, outubro 1997.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CARTA CAPITAL. São Paulo: Carta Editorial, ano 1, n. 1, agosto 1994.

CARTA, M. **O otimismo e a luz da razão.** CARTA CAPITAL. São Paulo: Carta Editorial, ano 1, n. 1, agosto 1994.

D'AVILA, L. F. **Cultura para a cidadania.** BRAVO!. São Paulo: Editora D'Avila, ano 1, n. 1, outubro 1997.

DURING, E. **O que é retrofuturismo:** introdução aos futuros virtuais. In: NOVAES, Adauto. O futuro não é mais o que era. São Paulo: Editora SESC, 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

JACOBY, R. **Imagem imperfeita:** pensamento utópico para uma época antiutópica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEMONS, R. **Editorial.** MARIE CLAIRE. São Paulo: Editora Globo, ano 1, n. 1, abril 1991.

LOTMAN, I. **Culture and explosion.** Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2009.

LOTMAN, I. **La semiosfera I:** semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

MACMANIA. São Paulo: Editora Bookmakers, ano 1, n. 1, fevereiro 1994.

MARIE CLAIRE. São Paulo: Editora Globo, ano 1, n. 1, abril 1991.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MATTELART, A. **História da utopia planetária:** da cidade profética à sociedade global. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORE, T. **A utopia.** São Paulo: Folha de S.Paulo, 2010.

POMIAN, K. **The collection between the visible and the invisible.** In: PEARCE, Susan M. Interpreting Objects and Collections. London and New York: Routledge, 1994. p. 160-174.

SECRETÁRIAS & ESCRITÓRIOS. São Paulo: Quinta Cor Editores, ano 1, n. 1, abril/maio 1990.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?.** São Paulo: Loyola, 2002.